

DO MEU PRIMEIRO BRINQUEDO À DOCÊNCIA: AS INCURSÕES GEOGRÁFICAS DE DEUMAR HAGAT

Caê Garcia Carvalho

Instituto Federal da Bahia, Irecê, BA

E-mail: cae_garcia@hotmail.com

Érico José de Souza Santana

Município de Canoas, Canoas, RS

E-mail: ejss14@hotmail.com

Toda criança anseia por um brinquedo. Se se aproximam datas comemorativas, contam os dias para ganhar seu regalo. O meu primeiro veio aos seis ou sete anos de idade, um brinquedo para lida no campo na companhia de meus pais e dez irmãos.

Não pensem que, por isso, não ia para a escola. Carregava os caderninhos nos sacos de arroz, mais bonitinhos que os de plástico. Seguir os cinco quilômetros a pé atravessando a zona rural de Sagrada Família, interior do Rio Grande do Sul, me fazia, às vezes tarde, às vezes com fome, quase sempre sujo, chegar em nosso colégio. Ônibus só se tornou transporte em substituição aos pés perto de completar, aos trancos e barrancos, tanto metafóricos como literais, o Ensino Fundamental. Às vezes dói lembrar que só fui conhecer a infância com minha própria filha.

As dificuldades com as novas séries do Ensino Fundamental se avolumavam, os assuntos, as matérias, iam ficando cada vez mais difíceis. Talvez faltasse uma base sólida dos anos iniciais, mas o peso de trabalhar paralelamente à escola e perder dias e dias do ensino pelo trabalho certamente atrapalhavam as coisas.

Depois de concluído o Ensino Fundamental, o estudo não agregava tanto valor. Cortar lenha parecia render mais frutos. Como a mocidade já havia chegado, com dezessete anos o emprego se mostrava mais urgente que a continuidade na escola. No mais, era menos uma boca em casa para ser alimentada.

A história da minha vida segue a do Brasil numa migração campo-cidade que, se intensa e fustigante nos anos 80, continuou a reverberar na década de 90, quando, como muitos outros brasileiros e brasileiras, deixamos nosso cadinho de terra para adensar as periferias das capitais. Uma história se perfaz na outra, a minha e a do Brasil. Porto Alegre no primeiro destino, depois Minas Gerais.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 10-15, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".

ISSN: 2176-5774

O trabalho da roça deu lugar ao atendimento ao cliente em restaurantes, novo ofício que se aprendia. Para quem nunca conhecera a cidade, era um novo mundo que se abria.

Pelos meandros da vida, adeus Minas Gerais. Novamente o sul do Brasil se impunha, Panambi é o novo local de morada. Trabalho com terra, depois com gente e, dessa vez, com o metal. Às vezes – eu diria que com certa frequência – as trilhas do destino nos levam por caminhos inimagináveis. Agora, soldador. Uma vez mais a história do país e a minha se entrecruzam: industrialização para dinamizar a produção agropecuária no nosso estado na concretização da mal chamada revolução verde. Começou lá atrás, é verdade, nos anos 50, e é nesta esteira que Panambi, assomando ainda um arsenal automobilístico, se afigura como terceiro maior centro industrial do estado. Nas articulações territoriais da divisão do trabalho, eu que já ocupara o outro polo quando a separação campo cidade poder-se-ia dizer mais rígida, agora estou no coração do urbano, na cidade.

Curso custeado pela empresa, não há nada que, com esforço – muito esforço – não se possa aprender.

Dinheiro por se fazer, horas e horas extras às duas da manhã, turnos que eram plantões sucedidos uns aos outros na indústria metalúrgica. Trabalho árduo, a sensação é de encarar o sol horas à fio a olhos nus, mas nunca nada foi fácil. E, com o amor, a vida é mais doce. Como diriam os poetas, “impossível ser feliz sozinho”.

Professora, o incentivo para retomada dos estudos. Uma filhinha linda traz ainda mais amor para nossa casa. Para quem só queria passar alguns meses em Panambi por conta da “novidade” deste trabalho e de sua dureza, foi uma vida que fora ali tecida. Aos poucos, o Ensino Médio foi também completado. Uma graduação se anunciava no horizonte, por que não?

No interior do estado do Rio Grande do Sul, acompanhando o desenvolvimento industrial e a urbanização de Panambi, a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul possuía um campus na cidade justamente voltado ao setor metalmeccânico. Além da questão de articular o horário do trabalho com o das aulas, havia uma dificuldade tamanha de acesso para esse curso num contexto pessoal de quem acaba de retomar os estudos. As universidades particulares, por sua vez, não cabiam no orçamento familiar. Compasso de espera neste sonho uma vez mais inflamado por um de meus amores. Mas haveria de se concretizar.

No ano de 2016, eu sequer imaginaria, houve a ideia de consolidar o curso de Geografia ofertado pela Universidade Federal do Pampa em parceria com a Universidade Aberta do Brasil, junção que impactaria minha vida alguns anos mais tarde. A implementação do curso ocorreu, em especial, por dois motivos: a) o senso universitário de 2016 sinalizara que alguns cursos de licenciatura estavam com retração de ofertas de vagas, incluindo cursos da área de ciências exatas e de outros campos do saber, como a Geografia; b) ao começar o planejamento para implementação do curso, a Diretoria de Educação a Distância da UNIPAMPA firmou o acordo de que todos os polos do estado do Rio Grande do Sul que sinalizassem interesse em ofertar o curso seriam atendidos.

Ao todo, foram dezoito polos agraciados, dentre eles, Panambi. A saudosa UNIPAMPA ajudou-me a concretizar, assim, um sonho, uma vontade, uma esperança: a graduação. Depois de uma vida inteira de luta, de tentativas e perseverança, eu estava ali, pronto, também nervoso e apreensivo, mas estava pronto! A oportunidade estava posta. Por nada se poderia deixar escapar. Condizia com o trabalho, havia possibilidade de casar o horário flexível da Universidade com as demandas inalienáveis do serviço.

Dos tempos da escola, a Geografia despertava interesse; sem saber exatamente o que esperar do curso, iniciava-se uma nova empreitada. Ao começar o semestre 2018.1, eu nem imaginava os prévios preâmbulos institucionais, revelando que muito de nossa história particular guarda relação com o próprio âmbito das políticas públicas. Entrei de corpo e alma na UNIPAMPA. Hora de experimentar e viver a Universidade.

Difícil foi: vocabulário científico, diversidade de áreas, tendo de apreender do solo à globalização, afora a necessidade de muita leitura. No meio do curso, uma pandemia.

O que era semipresencial, muito mais afeito às minhas demandas, tornou-se online. Conseguem imaginar como foi para quem saiu da roça ter de aprender todas essas ferramentas para conseguir assistir as aulas e cumprir as atividades? Do *moodle*, dificilmente sentirei saudades.

As dúvidas que podiam ser tiradas presencialmente, eram agora feitas de forma virtual com nossos queridos tutores. Sempre prestativos, mas é do homem, citando um filósofo, ser-com. Estar próximo. Ser com os outros. Sem pertencer as gerações x, y, z e sei quantas mais há de se ter, nessa condição, as possibilidades do encontro presencial tornavam-se ainda mais urgentes.

Infelizmente, porém inevitável, as disciplinas de Estágio do Ensino Fundamental e Médio tiveram de ser remodeladas às circunstâncias epidemiológicas.

O contato direto com a sala de aula, assim, é algo que ainda anseio por ter. Mas isso não retira os méritos destas disciplinas: nós mesmos, alunos, arrumamos outros alunos para acompanharem nossas aulas de modo virtual. Em grupo, unidos, às vezes, nem tanto, seguíamos com nossas aulas que eram então avaliadas por nossos orientadores.

Com 16 aulas em temas tão diversos, vi na prática a amplitude da Geografia que eu já notara no início da licenciatura. Estágios cumpridos, hora do famoso trabalho de conclusão de curso, o TCC.

Fazer pesquisa foi uma novidade. Talvez se pense que isso foi sendo aprendido ao longo do caminho, mas com um caminhão de alunos em cada polo, fica complicado para os professores construírem esse tipo de trabalho conosco. Pesquisa, pesquisa mesmo, pesquisa-pesquisa, escrever um artigo, só mesmo na reta final da graduação em licenciatura. Sim, licenciatura, mas temos que apresentar também um TCC – e isso não é uma reclamação!

Bem ao contrário, com a pesquisa revisitei a história de Panambi, procurando compreender as transformações urbano-territoriais pelas quais passou a cidade com a industrialização do município. Justo que, ao término, novamente se reencontrem os polos inextrincáveis homem/mundo, eu e Rio Grande do Sul, eu e Panambi. Uma história que se revela na outra.

Não estava tão seguro da aprovação. Quem nunca comeu mel, se lambuza na primeira vez. Me pergunto para que tanta regra sobre como citar isso ou aquilo. Para além das formalidades, desenvolver uma escrita acadêmica foi penoso; a dificuldade para trazer ao trabalho uma bagagem teórico-conceitual, idem. Lembrem do dia encarando o sol, chegar em casa com a visão em fogo para ler um livro ou sentar no computador não é nada – nada – simples.

Inevitável irradiar felicidade quando vejo a nota divulgada pela banca e a consequente aprovação. O caminho a percorrer na Geografia ainda é longo, ler mais coisas, aprender mais coisas. Mas, do meu primeiro brinquedo às minhas incursões geográficas, o orgulho que sinto dessa conquista é imenso. Por isso que, quando o orientador foi encerrar a chamada no *meet*, dei um grito de pura emoção. Acho que não era para eles (o orientador e a banca) ouvirem, mas acho também que em nada se importaram com essa suposta

quebra de “protocolo”. Aliás, quanto mais a Geografia ganharia se, em suas pesquisas, nos trouxesse um pouquinho mais de emoção?

Inevitável falar da UNIPAMPA e, pois, da Universidade Pública, sem a qual não seria possível a concretização deste sonho. Salve a educação pública. Igualmente importante, viva a interiorização do saber científico, outra condição elementar para a minha possibilidade de cursar – e de incontáveis colegas – o ensino superior.

A história de Deumar Hagat
Pai de Vitória Emanuely
Companheiro de Saionara Dias
Futuro professor de Geografia

Essa crônica foi escrita por nós, os professores Caê Carvalho e Érico Santana, para contar a história de um de nossos alunos da UNIPAMPA. Participamos conjuntamente do momento final de conclusão de curso de Deumar Hagat, um como orientador e outro como membro da banca.

A história do aluno só nos foi contada por ele pós-defesa da monografia e apenas em linhas gerais, comentando acerca de seu trabalho atual como soldador e que vivera, até a adolescência, no campo. Sua mensagem de agradecimento posterior, horas depois da defesa, me tocou bastante – utilizo a primeira pessoa especificamente agora por ter sido uma mensagem privada para o professor Caê. Era uma história linda – apesar de sofrida – e que merecia ser contada. Só não sabíamos como.

Foi então que ficamos sabendo da chamada do Caderno Prudentino de Geografia, abrindo a possibilidade de escritas plurais, como relatos de experiência e crônicas. A ideia foi apresentada para Deumar que, prontamente, topou o projeto. Fizemos uma entrevista e, depois, novas conversas para irmos afinando o texto.

Houve receio com a utilização da primeira pessoa neste escrito. Dois professores, um doutor e outro mestrando, contando a história de um terceiro – e, mais que isso, “se passando” pelo próprio aluno. O receio era suprimir sua voz, tomar o lugar de quem deu um duro para chegar onde chegou. Por que não poderia ele próprio contar esta história?

Crônica

Do meu primeiro brinquedo à docência: as incursões geográficas de Deumar Hagat. Caê Garcia Carvalho; Érico José de Souza Santana.

A escrita em primeira pessoa foi, então, alterada; utilizou-se a voz passiva, impessoal. Mas o texto perdeu, absolutamente, seu brilho, sua força, sua capacidade de emoção ao ser narrado “de fora”. A crônica perdia, assim, sua razão de ser.

E, no fim, não diríamos que contamos por ele tal enredo, e sim que contamos com ele sua história. A todo momento Deumar lia nosso escrito, indicava caminhos que talvez fosse melhor ficar de fora. No final das contas, foi ele quem bateu o martelo e decidiu qual versão seria encaminhada. Escolheu a que mais lhe emocionou.